

Imagem corporal de mulheres de diferentes classes econômicas

Elijane de Jesus Nantes Coelho
Tamir de Freitas Fagundes

Departamento de Educação Física - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: Objetiva-se comparar a Imagem Corporal (IC) atual (SA), ideal (SI), e grau de satisfação com IC entre mulheres de diferentes classes econômicas (CE). A amostra foi de 100 indivíduos (idade = $36,06 \pm 12,7$ anos). Aplicou-se o CCEB para divisão da amostra por CE. Para verificação da IC, foi utilizada a escala de silhuetas de STUNKARD *et al*, 1983. A maioria indicou a silhueta 4 como SA (34%) e a 3 como SI (43%). 86% mostraram-se insatisfeitas. O índice de satisfação entre as CEs A2, B1 e B2 foi de 1 e entre as CEs C e D foi de 2. Na comparação entre as CEs houve diferença entre os grupos A2 e D, B1 e C e entre B1 e D para SA; entre A2 e os demais para SI e entre B1 e D para satisfação. O padrão magro de beleza é desejado pelas mulheres, independentemente da CE..

Palavras-chave: Imagem corporal. Mulheres. Aspectos econômicos.

Body image in women of different economic classes

Abstract: This paper aims at comparing the current and the ideal body image and the degree of satisfaction among women of different economic classes. One hundred women, aged $36,06 \pm 12,7$, were analysed. CCEB (Brazil Economic Classification Criterion) was used for the sampling of the economic class. To check the body image, STUNKARD *et al*'s scale of silhouettes was used. Most women identified silhouette 4 as their current one (34%) and silhouette 3 as their ideal one (43%). Eighty six per cent were dissatisfied. The index of satisfaction was 1 in the A2, B1 and B2 economic classes and 2 in the C and D ones. When the economic classes were compared, there was difference between groups A2 and D, B1 and C and between B1 and D in relation to the current silhouette; between A2 and the others as far as the ideal silhouette is concerned and between B1 and D regarding satisfaction. Independently of economic class, the slim beauty pattern is the favourite one among women.

Key Words: Body image. Women. Economic aspects.

Introdução

O ambiente envia informações ao nosso organismo que as recebe, processa e responde de maneira complexa. Para nós os estímulos tornam-se realidade através de mecanismos de percepção e representação que fazem manifestar significados particulares e singulares para cada indivíduo. (MOTTA, 2003)

A imagem corporal (IC) é uma construção multidimensional através da qual são amplamente descritas as representações internas da estrutura corporal e da aparência física, em relação a nós mesmos e aos outros. Vários fatores podem influenciar o processo de formação da IC, dentre eles o sexo, a idade, os meios de comunicação, além da relação do corpo com os processos cognitivos como crença, valores e atitudes inseridos em uma cultura. As normas socioculturais têm perpetuado o estereótipo da associação entre magreza e atributos positivos, principalmente entre as mulheres. (DAMASCENO *et al*, 2005; ALMEIDA *et al*, 2005)

“A mídia, a família e os amigos condicionam os indivíduos a se exercitar, a cuidar de seus corpos, o que os direciona a desejos, hábitos, cuidados e

descontentamentos com a aparência visual do corpo” (DAMASCENO *et al*, 2005, p. 181). Schuler *et al* (2004),

Apontam que a decisão em exercitar-se é, em parte, motivada pela percepção da forma do seu corpo.

Uma população pode ser dividida em grupos conforme o poder aquisitivo. A Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) desenvolveu o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB). Segundo este critério a população brasileira é classificada em sete grupos cuja renda familiar varia de R\$ 207,00 a R\$ 7.793.

A partir do pressuposto que quanto maior a renda familiar maior o acesso das pessoas à informação e à mídia e de que há um padrão de beleza imposto na sociedade tem-se a hipótese de que a IC atual e a satisfação com essa IC devem variar entre mulheres de classe econômica diferentes.

Dentre as referências buscadas sobre o assunto verificou-se que existem várias pesquisas a respeito de IC no Brasil e em outros países, como os Estados Unidos. Como principal referência para esta pesquisa adotou-se o trabalho de

Damasceno *et al* (2005), que realizou um estudo comparativo entre homens e mulheres praticantes de atividade física em determinado lugar. Durante o levantamento bibliográfico não foi encontrado um estudo referente à IC que comparasse grupos por classe econômica.

Pretende-se, neste estudo, comparar a IC atual e ideal, além do grau de satisfação com a IC entre mulheres de diferentes classes econômicas, praticantes de caminhada.

Mataruna (2004), explica que a IC se desenvolve desde o nascimento até a morte, dentro de uma estrutura complexa e subjetiva, sofrendo modificações que implicam na construção contínua, e reconstrução incessante, resultante do processamento de estímulos.

Sobre a construção da IC, Le Boulch (1987) escreve que a IC do bebê amadurece aos poucos na medida em que ele experimenta o toque, a exploração do espaço, a manipulação e contato com objetos. A idéia de separação de seu corpo de outros corpos e objetos se dá gradativamente, sendo que a percepção da existência do corpo próprio, individual, se dá por volta dos 18 meses. O autor enfatiza a grande importância da experiência do espelho, quando a criança vê sua imagem projetada no espelho e começa a explorar seu corpo estranho colocado a sua frente. Até então, a imagem de seu corpo encontra-se incompleta, fragmentada. A imagem do todo acontece quando ela reconhece que o corpo que ela sente é o mesmo daquele que ela observa no espelho. A criança passa então da imagem do corpo fragmentado à compreensão da unidade de seu corpo como um todo organizado.

Esta experiência na primeira infância é apenas uma das inúmeras mudanças que uma pessoa vive durante toda a sua vida. Sobre a contribuição dessas mudanças na IC, MATARUNA, 2004, escreve que “toda mudança reconhecível, entra na consciência comparando-se com situações já vivenciadas, realizando assim uma avaliação da nova situação que gera uma mudança na IC”.

Schilder (1980) também aponta que a IC jamais está totalmente fechada e completa, uma vez que é resultante de memórias e também de percepções presentes, sendo, portanto, uma estrutura dinâmica. Por estar em permanente aquisição e mudança é preciso o trabalho do ser humano no sentido de construí-la e elaborá-la continuamente. Para este autor, mais do que uma estrutura, a IC é uma estruturalização.

Para Almeida *et al* (2005), no decorrer da história, as culturas tendem a estigmatizar traços ou comportamentos que sejam considerados negativos ou desviantes. A percepção do tamanho corporal, sob este ponto de vista, vem sendo associada a fortes valores culturais.

Os corpos grandes e arredondados em dados períodos

foram considerados sinais de opulência e poder, tendo, assim, uma valorização positiva, em contraste com a desvalorização e cobrança que marcaram as últimas décadas, tendentes a valorizar corpos esbeltos e esguios. Nesse sentido, a obesidade tem sido considerada uma condição estigmatizada pela sociedade e associada a características negativas, favorecendo discriminações e sentimentos de insatisfação. (ALMEIDA *et al*, 2005, p.28)

Em seu estudo sobre o padrão da beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras, Bohm (2004) conclui que um dos requisitos para se ter êxito e aceitação social, segundo esta mídia, é ter um físico apropriado, portanto, pelos valores culturais atuais é estar magra. Dentre os aspectos comuns das revistas estudadas a beleza é o primeiro deles, e é vendida exaustivamente e propagada de diversas formas.

Bohm acrescenta que:

O culto à magreza está diretamente associado à imagem de poder, beleza e mobilidade social, gerando um quadro contraditório e confuso, tendo em vista que, através da mídia escrita e televisiva, a indústria de alimentos vende gordura, com o apelo aos alimentos hipercalóricos, enquanto a sociedade cobra magreza. (BOHM, 2004, p.24)

Esta exigência da sociedade em relação à beleza é mais forte no universo feminino, enquanto que no universo masculino o desvio com relação ao padrão de beleza está vinculado à falta de tempo, em função do ritmo atribulado da vida profissional, para as mulheres, não cultivar a beleza é falta de vaidade – um qualitativo depreciativo da moral. (NOVAES e VILHENA, 2003)

Estas autoras escrevem que não podemos desconsiderar a existência de um mercado crescente voltado para a incorporação da população masculina nas práticas ditas de embelezamento corporal, mas ainda é reinante no imaginário popular a visão preconceituosa, que encara os cuidados excessivos de homens com a aparência como uma prática homossexual.

Se, por um aspecto da sociedade, tem-se o culto à magreza como padrão estético, por outro lado o tratamento que esta sociedade dá aos obesos é merecedor de destaque. Novaes e Vilhena (2003) apontam um paradoxo existente no tratamento a esta população: aos gordos é associado um estereótipo como simpatia e amabilidade; por outro lado, sua imagem inspira a lipofobia como um sintoma social.

A feiúra, frequentemente associada à gordura, sofre uma das maiores formas de discriminação nas sociedades que cultuam o corpo. Para eliminá-la, mitigá-la ou disfarçá-la, todos os esforços e sacrifícios serão despedidos. Discriminação ostensiva, manifesta e sem culpa. Ao contrário dos negros, pobres, gays ou

Motriz, Rio Claro, v.13, n.2 (Supl.1), p.S37-S43, mai./ago. 2007

qualquer outra minoria – discriminamos os feios e/ou gordos sem nenhum pudor ou vergonha. (NOVAES e VILHENA, 2003, p.32)

Puhl e Brownell (2001), em seu estudo sobre prevenção, discriminação e obesidade, apontam que existe na sociedade uma prevenção contra pessoas acima do peso e que esta prevenção pode, a qualquer momento, se mostrar como discriminação. Há evidências científicas suficientes sobre esta discriminação que sugerem que ela pode ser poderosa e ocorrer em áreas importantes da vida. Em seu artigo, as autoras relatam estudos sobre a discriminação ao obeso no emprego, na escola e nos serviços de saúde.

Nas pesquisas relatadas empregadores mostraram-se menos inclinados a contratar uma pessoa acima do peso do que uma pessoa magra, com as mesmas qualificações. Colegas fazem inferências negativas sobre os obesos no local de trabalho, sugerindo que estas pessoas são preguiçosas, sem autodisciplina e menos competentes. Esses atributos pré-definidos afetam salários, promoções e ações disciplinares. (PUHL e BROWNELL, 2001)

Mulheres acima do peso, para o mesmo trabalho, recebem salários menores que suas colegas magras. Este fato não se repete com os homens, mas para os obesos masculinos os empregos disponíveis são de nível mais baixo. Há evidências de que as perspectivas de promoção são menores para indivíduos acima do peso, e há muitos exemplos de pessoas que foram demitidas por causa do excesso de peso. (PUHL e BROWNELL, 2001)

Na educação a stigmatização se mostra em todas as idades. Desde a implicância dos colegas até ser aceito pela escola, um indivíduo acima do peso enfrenta sérios desafios. Pode-se esperar que estas situações afetem a auto-estima, a eficácia intelectual e os resultados como oportunidades de estudo universitário e de emprego. Um dos estudos apresentados em seu artigo aponta que, nos Estados Unidos, pais de crianças acima do peso as provêem menos recursos para a universidade do que para seus filhos magros. Este fato caracteriza a discriminação dos pais em relação a seus próprios filhos.

Puhl e Brownell (2001) reforçam que as atitudes discriminatórias são poderosas e consistentes e formam uma rede de estigmas, prevenções e preconceitos baseados em crenças que indivíduos e sociedade têm sobre pessoas obesas. Essas crenças resultam da confluência de vários fatores. Primeiro, presume-se que pessoas acima do peso têm múltiplas características negativas que variam desde falhas em esforço pessoal (preguiçoso), a outros pontos mais importantes como a inteligência e ser uma pessoa boa ou má.

Motriz, Rio Claro, v.13, n.2 (Supl.1), p.S37-S43, mai./ago. 2007

Segundo os autores, acredita-se que indivíduos acima do peso são responsáveis pela sua condição e que um corpo imperfeito reflete uma personalidade imperfeita. Finalmente, males como prevenção e discriminação são aceitos, baseados no censo comum de que as pessoas têm o que merecem e merecem o que têm.

“E é neste horror à gordura que uma série de técnicas de emagrecimento forjam-se, avalizadas pelos discursos que são construídos nas malhas da cultura do *fitness* e do *body building*”. (NOVAES e VILHENA, 2003, p.19)

A conquista desta IC aceita pela sociedade, ou seja, a perda de peso, o estar magra, é mostrada nas revistas femininas e em outras mídias como algo que pode realizar-se com vontade e esforço. (BOHM, 2004)

Novaes e Vilhena (2003) acreditam que o que é normativo para a mulher contemporânea não é o fato de modelos de beleza serem impostos, uma vez que isso sempre existiu, nem mesmo que seja dito que ela deve ser bela (o discurso sempre foi este), mas o fato de afirmar-se, sem cessar, que ela pode ser bela, se assim o quiser. “Enquanto nos séculos passados podíamos culpar a natureza, na contemporaneidade a negligência é a responsável e a culpa é individual”.(NOVAES e VILHENA, 2003, p.25)

Método

A amostra foi composta por 100 mulheres que praticavam caminhada em três parques de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sendo um da região central da cidade e dois da periferia. As características dos indivíduos estão descritas na tabela 2. Não foi verificado há quanto tempo as voluntárias praticavam a caminhada e se essa prática era freqüente ou esporádica. Os dados foram coletados entre 4/10 e 27/12/2007.

As mulheres convidadas a participar da pesquisa foram informadas dos objetivos e assinaram o termo de consentimento de pesquisas envolvendo seres humanos segundo as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996) do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Foi coletada a medida de massa corporal utilizando-se de uma balança aferida pelo Inmetro, e, em seguida, a medida da estatura, por meio de um estadiômetro também aferido. Com estas medidas foi calculado IMC utilizando-se a equação peso, em quilogramas, dividido pela estatura, em metros, elevada ao quadrado. Como retorno pela participação, cada sujeito recebeu um cartão com o seu valor de IMC, a tabela

de referência para este índice e a sua relação com fatores de risco para a saúde. Os dados de IMC serão analisados em uma futura complementação deste estudo.

Foi aplicado o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), para divisão da amostra em grupos por classe econômica. São sete as classes econômicas arroladas determinadas por um sistema de pontuação que toma como base de cálculo a posse de bens, a escolaridade do chefe de família e a presença de empregada mensalista. A renda média de cada classe bem como a distribuição percentual da população urbana brasileira por classe econômica é apresentada na tabela 1. Segundo a ABEP, o CCEB é uma ferramenta confiável, que permite a comparação de estudos de diferentes fontes dentro de uma perspectiva histórica.

Para a verificação da imagem corporal atual e ideal foi utilizada a escala proposta por STUNKARD *et al*, 1983 (figura 1). O conjunto de silhuetas foi mostrado aos indivíduos e foram feitas as seguintes perguntas: Qual é a silhueta que melhor representa a sua aparência física

atualmente? Qual é a silhueta que você gostaria de ter? A avaliadora isentou-se de opinião na escolha das silhuetas. Para verificar a satisfação com a IC foi utilizada a diferença entre a silhueta atual (SA) e silhueta ideal (SI), apontadas pelo indivíduo, em que o resultado igual a zero indica satisfação, enquanto que valores positivos e negativos indicam insatisfação (positivo = desejo de diminuir medidas; negativo = desejo de aumentar medidas)

Tabela 1. Renda familiar por classes

| Classe | Renda média familiar (R\$) | Total Brasil (%) |
|--------|----------------------------|------------------|
| A1 | 7.793 | 1 |
| A2 | 4.648 | 5 |
| B1 | 2.804 | 9 |
| B2 | 1.669 | 14 |
| C | 927 | 36 |
| D | 424 | 31 |
| E | 207 | 4 |

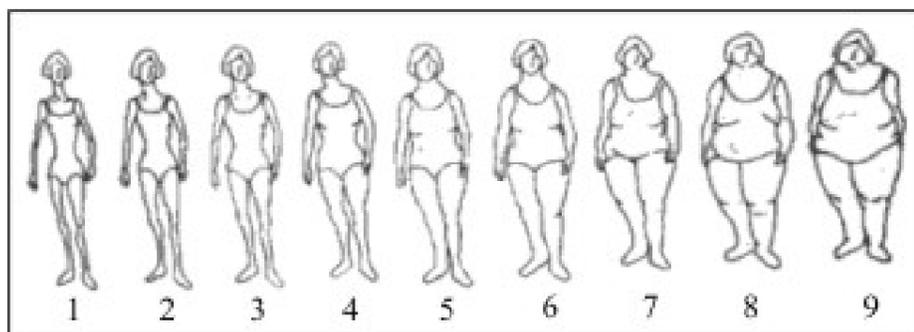


Figura 1. Conjunto de silhuetas femininas propostas por STUNKARD *et al*

Os dados foram submetidos à estatística não paramétrica. Foi utilizado o teste de Mann Whitney para comparação de SA, SI e grau de satisfação com a IC entre os grupos por classe econômica ($p \leq 0,05$). Para os cálculos foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 10.0.

Resultados

Na tabela 2 são descritos a média e o desvio-padrão das características da amostra. Na tabela 3 está a distribuição da amostra entre as classes econômicas. É importante destacar

que entre as participantes do estudo nenhuma foi classificada como da classe econômica A1 ou E.

Tabela 2. Característica da amostra estudada (n = 100)

| Variável | Média | Desvio padrão |
|---------------|-------|---------------|
| Idade (anos) | 36,06 | 12,07 |
| Peso (Kg) | 65,18 | 11,98 |
| Estatura (cm) | 160 | 6 |
| SA | 4,71 | 1,39 |
| SI | 3,38 | 0,85 |

Tabela 3. Distribuição da amostra por classe econômica

| Classe | n | % |
|--------|----|----|
| A1 | 0 | 0 |
| A2 | 9 | 9 |
| B1 | 29 | 29 |
| B2 | 23 | 23 |
| C | 30 | 30 |
| D | 9 | 9 |
| E | 0 | 0 |

A distribuição de SA, SI e grau de satisfação por classe econômica é exposta na tabela 5. Verifica-se que as mulheres de classe econômica A2, B1 e B2 apontam com mais frequência a silhueta 4 como atual e 3 como ideal, o que resulta numa satisfação de 1. Já as mulheres das classes C e D se dizem mais semelhantes à silhueta 6 e têm como ideal a silhueta 4, portanto apresentam um grau de satisfação de 2. O teste de Mann Whitney apontou que na comparação entre as classes econômicas em relação à SA houve diferença significativa ($p \leq 0,05$) entre os grupos A2 e D, B1 e C e entre B1 e D. Em relação à SI houve significância na diferença entre o grupo A2 e os demais. Já em relação ao grau de satisfação houve diferença significativa apenas entre os grupos B1 e D. Os níveis de significância são apresentados na tabela 6.

Tabela 4. Distribuição da amostra em relação à escolha da SA e da SI

| Silhueta | SA | | SI | |
|----------|-------|-----|-------|-----|
| | Freq. | % | Freq. | % |
| 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| 2 | 3 | 3 | 12 | 12 |
| 3 | 13 | 13 | 43 | 43 |
| 4 | 34 | 34 | 37 | 37 |
| 5 | 15 | 15 | 6 | 6 |
| 6 | 27 | 27 | 0 | 0 |
| 7 | 5 | 5 | 0 | 0 |
| 8 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| 9 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |

Tabela 5. Distribuição da amostra em relação à SA, SI e satisfação mais frequentes por classe econômica.

| Classe | SA | SI | Satisfação |
|--------|----|----|------------|
| A2 | 4 | 3 | 1 |
| B1 | 4 | 3 | 1 |
| B2 | 4 | 3 | 1 |
| C | 6 | 4 | 2 |
| D | 6 | 4 | 2 |

Tabela 6. Níveis de significância relacionados por SA, SI e grau de satisfação com a IC por classe econômica

| | A2/B1 | A2/B2 | A2/C | A2/D | B1/B2 | B1/C | B1/D | B2/C | B2/D | C/D |
|-----------|--------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|
| SA | 0,882 | 0,879 | 0,278 | 0,045* | 0,638 | 0,048* | 0,04* | 0,372 | 0,134 | 0,495 |
| SI | 0,018* | 0,025* | 0,006* | 0,019* | 0,620 | 0,169 | 0,156 | 0,545 | 0,424 | 0,622 |
| insatisf. | 0,100 | 0,337 | 0,729 | 0,470 | 0,435 | 0,067 | 0,006* | 0,435 | 0,110 | 0,294 |

* $p \leq 0,05$

Discussão

O objetivo deste estudo foi comparar a IC atual e ideal, além do grau de satisfação com a IC entre mulheres de diferentes classes econômicas, praticantes de caminhada. Tomou-se como pressuposto que quanto maior a renda familiar maior o acesso das pessoas à informação e à mídia e

Motriz, Rio Claro, v.13, n.2 (Supl.1), p.S37-S43, mai./ago. 2007

de que há um padrão de beleza imposto na sociedade, admitindo-se que as variáveis estudadas em relação à IC deveriam variar entre mulheres de classe econômica diferentes.

O instrumento usado foi o conjunto de silhuetas proposto por STUNKARD *et al.* (1983). Embora haja algumas limitações deste instrumento, tais como a bidimensionalidade

das figuras (não permite a representação do indivíduo como um todo) e a subjetividade, a escala de silhuetas foi validada anteriormente na literatura. A forte correlação entre as figuras e o IMC também já foi afirmada em outros estudos. (GARDNER *et al*, 1998; DAMASCENO *et al*, 2005; ALMEIDA, *et al*, 2005)

Os resultados mostram que, de maneira geral, as mulheres pesquisadas apontaram como média de SA 4,71.

Na comparação da SA entre as classes econômicas houve diferença significativa entre os grupos A2 e D, B1 e C e entre B1 e D. Com estes dados pode-se perceber que as mulheres de maior poder aquisitivo (A2 e B1) percebem-se mais magras que as de menor poder aquisitivo (C e D). Os estudos de Damasceno *et al*, 2005 e de Almeida, *et al*, 2005, sugerem que a percepção quanto ao tamanho e a forma corporal real é correta, sendo escolhidas figuras compatíveis com o IMC da voluntária. Desta forma infere-se que as participantes das classes A2 e B1 são mais magras que as das classes C e D.

Em relação à SI, a média apresentada foi de 3,38. Ao comparar os valores de SI entre as classes econômicas é interessante notar que a diferença significativa ocorreu entre a classe A2 e todas as demais, ou seja, o corpo ideal para as mulheres de maior poder aquisitivo é diferente do idealizado para as mulheres das outras classes econômicas, apesar de apresentarem com maior frequência a mesma SA (4) e a mesma SI (3) que as voluntárias das classes B1 e B2.

Quanto ao índice de satisfação percebe-se que 86% das mulheres estão insatisfeitas com seu corpo. As voluntárias das classes A2, B1 e B2 desejam diminuir uma silhueta, enquanto que as das classes C e D desejam diminuir duas. Ao fazer a comparação entre grupos econômicos para este índice a diferença significativa ocorreu apenas entre os grupos B1 e D.

A sociedade pressiona as pessoas em numerosas circunstâncias a concretizar, em seu corpo, o corpo ideal da atual cultura (TAVARES, 2003). Desejos são criados e imagens reforçadas através dos meios de comunicação que padronizam corpos. As pessoas que se vêem fora de medidas, sentem-se cobradas e insatisfeitas. O reforço dado pela mídia em mostrar corpos atraentes faz com que uma parte de nossa sociedade se lance na busca de uma aparência física idealizada. (RUSSO, 2005)

Para Bohm (2004), o padrão estético de beleza feminina atual é o representado pelas modelos esqueléticas das passarelas e páginas de revistas segmentadas. Este modelo perseguido pelas mulheres sugere satisfação, realização pessoal e eterna juventude, muitas vezes em detrimento da saúde, o que pode causar transtornos alimentares, como anorexia e bulimia.

S42

Conclusão

Este estudo sugere que o padrão de beleza imposto pela sociedade afeta as mulheres, independentemente da classe econômica, sendo que as de maior poder aquisitivo vêm a si mesmas relativamente magras (SA = 4) e desejam emagrecer um pouco mais (SI = 3), enquanto que as de menor renda familiar percebem-se relativamente obesas (SA = 6), portanto mais distante do modelo atual de corpo, e gostariam de atingir uma silhueta = 4. Essa diferença poderá ser reforçada futuramente com a complementação deste estudo, em que será feita a comparação dos valores de IMC por classe econômica e será verificado se este valor aumenta sistematicamente de forma inversa em relação ao poder de compra.

Referências

- ALMEIDA, *et al*. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 27-35, Maringá, jan./abr. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a04.pdf>> Acesso em 15/11/2006
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). **Critério de classificação econômica Brasil**. São Paulo, 2003. Disponível em <http://www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB.pdf> Acesso em 16/11/2006.
- BOHM, C. C. **Um peso, uma medida: o padrão da beleza feminina** apresentado por três revistas brasileiras. 2004. 102 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000030.pdf>> Acesso em 12/12/2006.
- DAMASCENO, *et al*. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, vol. 11, n. 3, p. 181-186, mai/jun, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v11n3/a06v11n3.pdf>> Acesso em 15/11/2006.
- GARDNER, R. M; FRIEDMAN, B., N; JACKSON, N. A. Methodological concerns when using silhouettes to measure body image. **Perceptual and Motor Skills**, n. 86, p. 387-395, EUA: 1998.
- LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor - do nascimento até 6 anos**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- MATARUNA, L. Imagem corporal: noções e definições. **www.efdeportes.com Revista Digital**. ano 10, n. 71, Buenos Aires, abril, 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd71/imagem.htm>> Acesso em 18/10/2006
- MOTTA, R. C. **Avaliação da imagem corporal durante o processo do Rolfin®**. 2003. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em
Motriz, Rio Claro, v.13, n.2 (Supl.1), p.S37-S43, mai./ago. 2007

<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls_000300851>
Acesso em 15/11/2006.

NOVAES, J. V; VILHENA, J. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 9-36, São Marcos, jan./jun. 2003. Disponível em < <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/354/35401502.pdf> >
Acesso em 12/12/2006.

PUHL, R.; BROWNELL, K.. Bias, discrimination, and obesity. **Obesity Research**, v. 9, n. 12, p. 788-805, Boston, dez. 2001. Disponível em < <http://www.obesityresearch.org/cgi/reprint/9/12/788> > Acesso em 03/02/2007.

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, v. 5, n. 6, p. 80-90, Espírito Santo de Pinhal, jan./jun. 2005. Disponível em < <http://www.unipinhal.edu.br/movimentopercepcao/viewarticl e.php?id=39> > Acesso em 15/11/2006

SCHILDER, P. **A Imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCHULER, *et al.* Body-shape perceptions in older adults and motivations for exercise. **Perceptual and Motor Skills**. EUA, n. 98, p. 1251-1260, 2004.

STUNKARD A. J. *et al.* Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: KETY S.S, *et al.* **The genetics of neurological and psychiatric disorders**. Nova York: Raven, 1983.

TAVARES, M. C.C. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. São Paulo: Manole, 2003

Endereço:

Elijane de Jesus Nantes Coelho
Rua Coronel Balduino, 198 Vila Planalto
Campo Grande MS
79009-120
e-mail: elijane@terra.com.br